

Resenha

Luciano R. Peterlevitz*

LOPES, Augustus Nicodemus. *A Bíblia e seus intérpretes – Uma breve história da interpretação*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007. 288p.

O livro *A Bíblia e seus intérpretes – Um breve história da interpretação* é uma importante ferramenta a todos os estudantes da Bíblia que desejam ampliar seus conhecimentos sobre Hermenêutica. O texto foi escrito por Augustus Nicodemus Lopes, um dos mais conhecidos escritores da tradição Protestante Reformada, no contexto brasileiro. O autor é bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Norte (Recife), mestre em Novo Testamento pela Universidade Reformada de Potchefstroom (África do Sul) e doutor em Interpretação Bíblica pelo Westminster Theological Seminary (EUA), com estudos no Seminário Reformado de Kampen (Holanda). Atualmente é chanceler da Universidade Presbiteriana Mackenzie e pastor auxiliar da Igreja Presbiteriana de Santo Amaro. É autor de vários livros e artigos.

Uma das obras recentes de Augustus Nicodemus é *O que estão fazendo com a Igreja* (São Paulo: Mundo Cristão, 2008), através da qual ele demonstra bastante preocupação com a Igreja evangélica brasileira, bastante influenciada por idéias que ameaçam a integridade do Evangelho, como o liberalismo teológico, a neo-ortodoxia, a libertinagem e o neopentecostalismo.

O texto *A Bíblia e seus intérpretes – Uma breve história da interpretação* responde à crise pela qual passa a teologia bíblica. Nicodemus, para responder aos problemas atuais concernentes à hermenêutica bíblica, convida os leitores para uma viagem na história da interpretação, desde os autores do Antigo Testamento até nossa contemporaneidade. Desde o início da obra, o autor esclarece aos leitores que o texto foi escrito na visão reformada, o que significa “um compromisso com a perspectiva que os Reformadores tinham da inspiração e inefabilidade das Escrituras e com os princípios hermenêuticos que utilizaram” (p.07). Por isso, Nicodemus afirma que um dos alvos do livro é mostrar que o método gramático-hitórico é o mais adequado para uma hermenêutica comprometida “com o caráter divino e humano das Escrituras” (p. 08).

Para tal objetivo, o livro está dividido em três partes. Ao final, há um apêndice intitulado “A Linguística e a Hermenêutica Bíblica: Diálogo e Desafios para o Intérprete do Século 21”, escrito por Robério Basílio, ministro presbiteriano da Primeira Igreja Presbiteriana do Recife. O objetivo do apêndice é mostrar como os estudos na área da

Professor de Hebraico Bíblico e Antigo Testamento na Faculdade Teológica Batista de Campinas. Mestre em Ciências da Religião, na área de Literatura e Mundo Bíblico, pela Universidade Metodista de São Paulo. É pastor da Missão Batista Vida Nova, em Nova Odessa (SP).

Linguística têm influenciado diretamente na construção de pressupostos hermenêuticos atuais.

Na Parte 1 do livro, Nicodemus aborda “A necessidade de Interpretação da Bíblia”. Inicia-se descrevendo “As duas naturezas da Bíblia”. A Escritura, enquanto um texto escrito por homens, é um texto limitado, devido aos distanciamentos (temporal, contextual e cultural) entre os leitores atuais e os antigos autores. Mas, enquanto um livro Divino, pressuposto aliás negado pelo método histórico-crítico (p.26), a Bíblia produz outros tipos de distanciamentos, por causa da natureza humana decaída (p.26-27). O autor defende que “a dupla natureza da Bíblia provoca um distanciamento temporal e espiritual que precisa ser transposto, para que possamos chegar à sua mensagem” (p.29).

As outras duas partes do livro são bem mais extensas do que a primeira. Na Parte 2, Augustus Nicodemus escreve sobre “Os primeiros intérpretes do Antigo Testamento”. No primeiro capítulo dessa parte, “Autores do Antigo Testamento”, Nicodemus defende que os “autores do Antigo Testamento inauguraram um movimento hermenêutico que continua até os dias de hoje” (p.36). Analisando a deposição dos livros na Bíblia Hebraica¹, o autor observa que a Torá (Lei de Moisés, o Pentateuco) é base para todos os demais livros do Antigo Testamento, pois ela foi o primeiro texto divinamente inspirado, escrito por Moisés. “Tanto os Profetas quanto os Escritos repousam sobre a Lei. Neles, a Lei é usada, interpretada, e aplicada a novas situações.” (p.37).

Na seqüência da obra, Nicodemus analisa a exegese dos antigos rabinos de Israel. A partir de então, os leitores são convidados a perceber duas pilastras hermenêuticas antagônicas: a interpretação literal e a interpretação alegórica. Sobre esta última, uma importante contribuição foi dada por Filo de Alexandria, nascido por volta de 20-25 a.C. Grandemente influenciado pelo platonismo, Filo legou à tradição cristã o método alegórico de interpretação das Escrituras. A palavra *alegorizar* “vem do grego e significa literalmente ‘dizer uma outra coisa’, ou seja, numa alegoria as palavras estão dizendo outra coisa que não aquela que parece óbvio” (p.92). Filo afirmava que o texto bíblico representava “a jornada espiritual de cada um de nós” (p.94), o que implica numa dissolução dos “fatos históricos da Escritura, negando, por exemplo, que Sara e Hagar fossem personagens históricos, ou que a jornada histórica de Abraão tenha qualquer valor para nós” (p.94).

Na seqüência da obra, no capítulo 6, os leitores encontrarão uma importante análise da interpretação que os autores do Novo Testamento fizeram do Antigo Testamento. Nicodemus afirma que esse é o momento mais importante da história da interpretação das Escrituras. Uma das principais dificuldades, neste ponto, é o uso que os escritores do Novo Testamento fizeram do Antigo Testamento. Nicodemus nos alerta que “muitos críticos apontam para ocasiões em que eles (autores do Novo Testamento) parecem estar manipulando e torcendo as Escrituras para provar seus argumentos” (p.109-110). Em alguns momentos, por exemplo, Paulo cita a Septuaginta, mesmo quanto “ela difere do texto hebraico, ou o traduz inadequadamente” (p.112). Mas, mesmo assim, “pode-se argumentar que não existe violência ao sentido do texto original” (p.113). Para Nicodemus, precisamos entender um ponto importante: os escritores do Novo Testamento re-interpretaram radicalmente as “Escrituras do Antigo Testamento à luz dos eventos históricos-redentivos relacionados com a encarnação, vida, morte e ressurreição de Cristo,

¹ A ordem dos livros da Bíblia Hebraica (*Torá – Profetas – Escritos*) é diferente da disposição dos livros de nossas Bíblias, que seguem a Septuaginta.

e o surgimento da Igreja Cristã” (p.116). Portanto, os estudantes desejosos de conhecer o modo como os autores do Novo Testamento interpretaram os textos do Antigo Testamento devem consultar o capítulo 6 da obra de Augustus Nicodemus.

A Parte 3 é maior do que as outras, e é dedicada à análise da interpretação bíblica na história da Igreja Cristã. Nicodemus rastreia a interpretação alegórica e a literal gramático-histórica, desde os inícios do cristianismo até a época atual.

Nos primeiros séculos da era pós-apostólica, surgiram duas escolas de interpretação que se rivalizaram: a escola de Alexandria, e a que surge depois, de Antioquia, em reação à primeira. A grande característica da escola de Alexandria foi a alegorização dos textos bíblicos. Já a escola de Antioquia defendia a interpretação literal, sempre buscando a intenção do autor do texto, dentro de um contexto histórico. Esse método de interpretação “predominou durante muito tempo nas igrejas orientais e em muitos sentidos foi precursora da exegese praticada na Reforma” (p.135). Nos séculos seguintes, destaca-se a hermenêutica dos Pais Latinos, dentre os quais, Tertuliano (após 220 d.C.), Jerônimo (347-420 d.C.), tradutor da Vulgata Latina, e Agostinho (354-430 d.C.). Apesar de algumas vezes alegorizarem os textos, os “Pais Latinos eram mais sensíveis ao contexto em que as Escrituras foram produzidas.” (p.142).

Na Idade Média (séculos 5 a 16) a hermenêutica alegórica foi a mais usada pelos intérpretes do cristianismo. Entretanto, alguns poucos valorizavam o sentido histórico-gramatical das Escrituras.

No capítulo 10 Nicodemus analisa a hermenêutica dos Reformadores, que foi uma negação aos princípios hermenêuticos alegóricos. “O retorno aos princípios de interpretação defendidos pela escola de Antioquia marca a pregação, o ensino e os princípios dos Reformadores.” (p.159). A ênfase da Reforma estava no sentido literal e gramático-histórico do texto, em contraposição à *alegorese* prevalecente na Idade Média. Para os que desejam conhecer mais a hermenêutica da Reforma Protestante, é fundamental ler e estudar este capítulo do livro.

Na seqüência da obra, Augustus Nicodemus dedica-se ao período da Modernidade. Decisivo para esta época foi o Iluminismo, movimento filosófico surgido no início do século 18, que “foi em vários aspectos uma revolta contra o poder da religião institucionalizada e contra a religião em geral” (p.184). O racionalismo e o humanismo impactaram grandemente a teologia, e por conseqüência, a interpretação da Bíblia. Se antes Deus era visto como o grande agente da História humana, a partir do Iluminismo a História passou a ser interpretada a partir de uma relação natural entre causas e efeitos. Tal ceticismo e racionalismo influenciaram a hermenêutica bíblica, e levaram muitos teólogos a negarem os milagres relatados na Bíblia. Nessa perspectiva, os eventos miraculosos descritos no texto bíblico são “fabricações do povo de Israel e depois da Igreja, que atribuiu a Jesus atos sobrenaturais que nunca aconteceram historicamente” (p.184).

Na análise da interpretação bíblica da época Moderna, Nicodemus nos alerta sobre o perigo de tirar o sobrenatural da Bíblia. “Ficamos com uma Bíblia que deixou de ser Palavra de Deus para se tornar o testemunho de fé do povo de Israel e da Igreja Primitiva.” (p.194). Isso, afirma Nicodemus, é muito prejudicial para a Igreja.

Na reta final do livro, Augustus Nicodemus analisa a hermenêutica no contexto da Pós-modernidade. “O pensamento pós-moderno rejeita o conceito da modernidade de que existam verdades absolutas e fixas.” (p.197). Na pós-modernidade, a verdade não pode mais ser conhecida pela razão; negam-se verdades absolutas. Além disso, afirma-se a impossibilidade da realização de qualquer pesquisa científica sem preconceitos e pressupostos. Assim, aflora-se o subjetivismo. O autor ressalta que na Modernidade a interpretação era basicamente *diacrônica*, ou seja, a hermenêutica buscava descobrir os processos históricos de formação do texto, para assim interpretá-lo. “Agora, ela tornou-se *sincrônica*, isto é, preocupada apenas em entender o texto à luz de si próprio e da interação deste com o leitor.” (p.199). Nicodemus afirma ainda que, no período da Reforma, a interpretação aventava-se no direito de descobrir a intenção do autor humano do texto. Já no período da Modernidade, a interpretação, mediante métodos críticos, enfatizou os processos históricos de formação do texto. “Na pós-modernidade, o foco move-se para o leitor, rejeitando-se a intenção autoral e o processo de formação do texto.” (p.201). Ou seja, na Reforma, o foco da interpretação estava no autor; na Modernidade, estava no texto; na pós-modernidade, está no leitor. Para a hermenêutica pós-moderna, o sentido do texto é construído a partir de uma interação entre leitor e texto; assim, a interpretação bíblica é subjetiva e inevitavelmente preconceituosa. Nicodemus alerta-nos: a hermenêutica pós-moderna sai “do campo literalista para o do além-do-literal, numa versão pós-moderna da antiga alegorese alexandrina.” (p.203).

Nos capítulos 14 e 15 os leitores terão uma boa compreensão das várias vertentes hermenêuticas que surgiram no contexto da pós-modernidade. Um importante intérprete que Nicodemus analisa é Hans-Georg Gadamer (1900-2002), para quem o “entendimento de uma passagem não é causado inteiramente pelos pressupostos do leitor e nem inteiramente pela situação histórica original do texto, mas por uma fusão de ambas as perspectivas” (p.219). Gadamer chama tais perspectivas de ‘horizontes’. Também se alude a Jacques Derrida (n. 1930), conhecido por seu desconstrucionismo. Para Derrida, “a tarefa do intérprete é desconstruir o texto. Isto significa reverter a hierarquia, revelar as suas contradições internas, sua arrogante proposta de transmitir sentido e revelar seu compromisso com a manutenção da hierarquia.” (p.220). O grande pressuposto do desconstrutivismo é a pluralidade de verdades. “Não há uma verdadeira interpretação de um fato, de um texto, ou um discurso, mas muitas interpretações igualmente válidas.” (p.234). Para Nicodemus, este método interpretativo “traz resultados destrutivos para a exegese bíblica”, pois “seu projeto é relativizar o sentido do texto bíblico mostrando que as Escrituras têm muito mais interpretações válidas do que aquelas que aparecem na superfície.” (p.236).

Um outro importante movimento hermenêutico analisado por Nicodemus é a *reader response* (reação do leitor), “assim chamada por enfatizar o envolvimento do leitor na produção e na determinação do sentido de um texto” (p.230). Esse sistema de interpretação é fruto da hermenêutica de Gadamer. Existem várias vertentes atuais desse método de interpretação: a *teologia da libertação*, que afirma a leitura dos textos bíblicos a partir dos empobrecidos e espoliados pela sociedade; a *hermenêutica feminista*, que lê o texto bíblico com a suspeita de que este foi produzido a partir de uma dominação patriarcal sobre a mulher.

É importante observar que a “Teologia da Libertação” é hoje bem mais conhecida por “Teologia Latino-Americana”. Trata-se de uma leitura a partir da América Latina, grandemente espoliada pelo colonialismo das grandes nações européias. Nicodemus vê

essa teologia de forma bem negativa. Em outro texto², ele faz duras asseverações à Teologia da Libertação. A motivação do autor, claro, é preservar a integridade das Escrituras. Mas é preciso dizer que a relação entre cristianismo e colonialismo é uma questão ainda não resolvida.³ Pois a forma como as grandes nações européias forjaram a mensagem cristã, para expandir seu comércio e cultura, merece uma análise bem cuidadosa. É preciso dizer que a Teologia Latino-Americana, apesar das limitações já apontadas por Nicodemus, veio responder à necessidade de a Igreja se envolver com os grandes problemas sociais atuais.

Para encerrar o livro, Nicodemus afirma que a hermenêutica de Gadamer tem sido questionada por eruditos atuais, como E. D. Hirsch. Este afirma que, mediante o trabalho de arqueólogos, historiadores, lingüistas, entre outros, “*é possível* transpor as categorias de nossa cultura e nos identificar em certa medida com a cultura onde essas obras foram escritas” (p.245). Para Hirsch, o texto só tem um *sentido*, embora “o impacto desse sentido nos leitores pode variar de contexto a contexto. É isso que chamamos de *significado*.” (p.245). Na conclusão da obra, Nicodemus afirma que de fato existe um distanciamento entre nós e o texto bíblico, mas “ele pode ser vencido pelo estudo e oração, e podemos chegar ao sentido original da mensagem bíblica” (p.256).

Augustus Nicodemus Lopes, nesse livro e em outros textos, preocupa-se em defender a integridade das Escrituras frente às muitas metodologias hermenêuticas que negam a sobrenaturalidade da Palavra de Deus. Portanto, recomendo *A Bíblia e seus intérpretes – Uma breve história da interpretação* para aqueles que almejam conhecer as várias interpretações bíblicas, desde a época antiga até nossos dias. Sobretudo, o texto fornecerá aos leitores ferramentas apologéticas para se argumentar em prol de uma hermenêutica que preserve a autenticidade da Bíblia.

² Veja <http://solascriptura-t.org/SeparacaoEclesiastFundament/HermeneuticaTeologiaLibertacaoDeLBoff-AugustusNicodemusLopes.htm>. Acessado em 15/12/2009.

³ Sobre isso, veja Lauri Emilio Wirth, “Protestantismos latino-americanos entre o imaginário eurocêntrico e as culturas locais”, em *Estudos de Religião*, nº 34, junho de 2008, p. 105-125.